

Comemorações do 48º aniversário do 25 de Abril em S. Pedro da Cadeira

## “Abril trouxe-nos o desenvolvimento e o progresso”



António Alves apelou à luta por melhores condições na saúde

EUNICE FRANCISCO  
[eunicefrancisco@badaladas.pt]

São Pedro da Cadeira acolheu a sessão solene da Assembleia Municipal de Torres Vedras por ocasião do 25 de Abril. Sem máscaras, a cerimónia contou com as intervenções do presidente da Junta daquela freguesia, dos representantes dos partidos e movimentos de cidadãos com assento na Assembleia, da presidente da Câmara, e do presidente da Assembleia, José Correia.

A discursar pela primeira vez como presidente na “data fundadora da nossa democracia”, Laura Rodrigues alertou que “os valores e as conquistas de abril requerem de todos nós uma atitude constante de vigilância e de cuidado”. E chamou a atenção para os danos causados pela “polarização dos argumentos e o extremar do diálogo”, em torno de questões como a pandemia e a guerra na Ucrânia.

Laura Rodrigues reafirmou “que os que amam a liberdade e a democracia são todos aqueles que condenam esta bárbara invasão russa à Ucrânia”, mas criticou “a irracionalidade do pensamento único que, por um lado, silencia as atrocidades e, por outro, destrói o bom senso, levando nalguns casos ao cancelamento dos artistas russos, à demolição e à remoção de obras consagradas de museus, teatros e bibliotecas de todo o ocidente”.

A presidente considera que “ninguém é inocente no processo de erosão do diálogo democrático saudável”, reconhecendo que depois de Abril, tanto políticos como cidadãos deixaram por vezes “a cor política falar acima das ideias e a ideologia acima da solução prática dos problemas”.

Depois de “Grândola, Vila Morena” na voz de Joana Camões, a Assembleia ouviu

António Alves, presidente da Junta, lembrar que “a revolução trouxe-nos o acesso à saúde, educação, serviços básicos essenciais, o desenvolvimento e o progresso”. Mas também “nos ensinou a reivindicar por melhores condições, das quais não devemos desistir”, nomeadamente nos hospitais e nos centros de saúde, salientou. Para o autarca, “o poder local é uma das maiores realizações de Abril”.

No discurso que fechou a sessão, José Correia, presidente da Assembleia, salientou o papel da Assembleia e saudou todos os eleitos, considerando disse que Torres Vedras “tem hoje muitos desafios para transformar o crescimento em desenvolvimento sustentável”.

Em representação do Partido Comunista Português, Tatiana Nozes Pires prestou honras aos heróis da revolução, que tomaram a iniciativa nas mãos “numa batalha justa e necessária, sem sangue e sofrimento”, para “combater o atraso e o obscurantismo”. Filha de Abril, a deputada imagina pelas palavras do pai e do avô “uma terra espoliada, oprimida, desprezada, as vidas perdidas na guerra, o horror dos torturados nas prisões da PIDE, o campo de concentração do Tarrafal, ou da morte lenta”. A deputada salientou também o poder local democrático como “uma das mais belas conquistas populares de Abril”.

Carlos Filipe, do Chega, queixou-se da “cerca sanitária ao partido”, numa democracia que “ainda não está madura”. Carlos Filipe considera que “foi com o 25 de novembro que Portugal entrou no verdadeiro caminho da democracia” e que os valores de Abril “nunca foram cumpridos, porque foram corrompidos desde o início”.

O discurso de Pedro Castelo, em representação do CDS, foi dominado por fortes

críticas ao PCP, que não esteve presente no Parlamento português durante o discurso do presidente ucraniano, e que acusa de “hipocrisia hedionda, com laivos de crueldade”. Para Pedro Castelo, “escolher o lado do agressor é por si só revelador do espírito de cada um”. O deputado aludiu também ao 25 de novembro, que disse ser uma “tentativa de criação de um estado comunista em Portugal”, recordando o cerco ao seu partido “pelos mesmos totalitaristas que hoje defendem o regime russo”.

Para Marco Branco, do Aliança, que também deu vivas ao 25 de novembro, “a liberdade está diminuída”, numa sociedade onde “o eu se sobrepõe ao coletivo”, num país que recebe refugiados da guerra, “mas se esquece dos mais carenciados e dos sem abrigo”, onde “o SNS não dá resposta a quem necessita, proliferam os casos de injustiça, a corrupção é branqueada, no ensino não existe uma linha condutora e a cultura foi deixada ao abandono durante a pandemia”, disse, entre outras críticas.

As críticas à “maioria-autocrata que governa o concelho e que subverteu os princípios de Abril” marcaram o discurso de Jorge Santos. O deputado municipal falou em representação do movimento cívico “Os Unidos” na “mais importante data da nossa história recente”, considerando que o balanço das conquistas de Abril “é claramente positivo”, mas “era exigível que já muito mais tivesse sido alcançado, sobretudo no concelho”.

Jorge Santos condenou “o caráter errático das políticas municipais”, queixou-se de “um Estado Novo instituído”, que recusa todas as propostas da oposição, e criticou, entre outras coisas, a “falta de transparência”, o “desbaratar” de dinheiros públicos e

“a falta de um desígnio para o concelho”.

Também o PSD, representado por Luís Carlos Lopes, quis recordar o 25 de novembro, “que inviabilizou a instalação de uma ditadura em Portugal”, apoiada, defendeu o deputado, “por um partido que atualmente relativiza, desvaloriza e silencia a agressão russa à Ucrânia”.

Luís Carlos Lopes responsabilizou a maioria socialista pela resolução dos problemas atuais na saúde e na educação no concelho, exigindo a construção do novo centro hospitalar do Oeste e médicos de família para todos os municípios, bem como a conclusão da construção de todas as escolas básicas, num processo que se iniciou em 2009 e cujo término “não se vislumbra”.

Em representação do PS, Tomás Lourenço afirmou que “os valores de Abril não são um dado adquirido” e que a revolução se “carateriza por um processo contínuo de desenvolvimento que não cessa”.

Para Tomás Lourenço, “a celebração do 25 de abril não é uma cerimónia contemplativa”, mas “um estado mental a defender por todos”, no caminho da “liberdade, da autodeterminação dos povos, do anti-imperialismo, do progresso democrático e na defesa de um Estado que fomenta uma sociedade na qual o livre desenvolvimento de cada um seja condição para o desenvolvimento de todos”.

O deputado enalteceu as conquistas da revolução dos cravos, como “a saúde universal gratuita, contra a qual alguns democraticamente se opuseram, os mesmo que louvam o 25 de novembro, permitindo que nunca mais um indivíduo neste país morresse por não ter capacidades de pagar as suas despesas hospitalares” e a igualdade, “por oposição à estratificação de uma sociedade patriarcal”.